

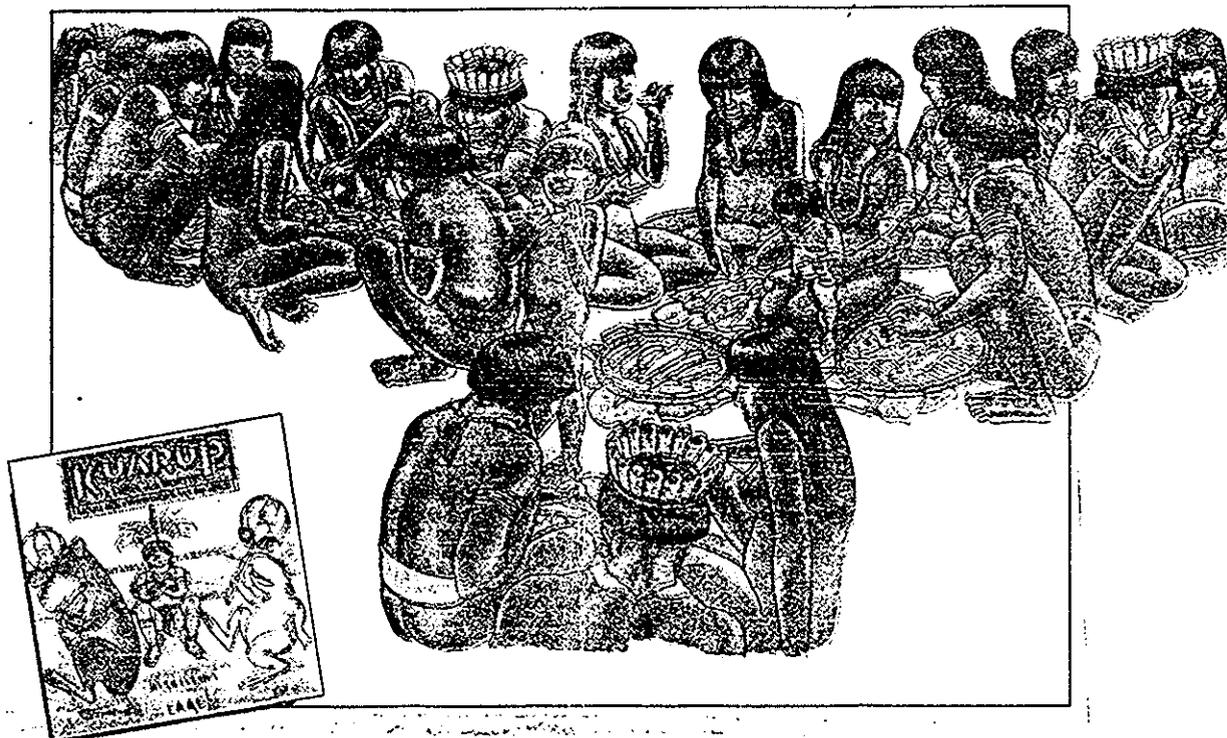
# KUARUP

ARTISTA GRÁFICO, JÔ OLIVEIRA LANÇA LIVRO SOBRE  
UMA DAS MAIS BELAS LENDAS DOS INDÍGENAS DO XINGU

SEVERINO FRANCISCO

**U**ma das mais belas lendas dos povos indígenas do Xingu acaba de ganhar uma versão para crianças, em livro adaptado e ilustrado pelo artista gráfico Jô Oliveira: *Kuarup — A Festa dos Mortos*. Jô Oliveira utilizou a exuberância de cores e o requinte gráfico da arte indígena para narrar a lenda da festa dos mortos principalmente através do poder de sugestão das imagens. O livro, publicado com patrocínio do Faac — Fundo de Apoio à Cultura, tem três lançamentos programados: no dia 15, na Feira do Livro de Taguatinga; no dia 16, no MacDonald's da 506 Norte; e no dia 17, no Espaço Cultural da 508 Sul, com exposição das ilustrações originais. Jô Oliveira é considerado um dos melhores artistas gráficos do País. Entre outros, ele ganhou o "Prêmio Tucuxi", do Museu de Imagem e do Som do Rio de Janeiro e Rede Manchete, em 1988, para ilustração de livros infantis, e o Prêmio Asilago, da Itália, em 82 e 87, para melhor selo do mundo, na categoria Turismo.

*Kuarup — A Festa dos Mortos* é o segundo livro. Inspirado nas lendas indígenas, publicado por Jô Oliveira. O



165  
190  
142

30

20

Acervo  
ISA

387

1

primeiro foi *A Lenda da Noite*, em parceria com o escritor Guido Heleno. Mas realizar uma versão do Kuarup para as crianças é um projeto antigo. A lenda narra as aventuras e desventuras de Mavutsinim, herói mítico dos índios Kamaurá. Insatisfeito com o destino mortal dos homens, ele escolhe três troncos na floresta e os leva para a aldeia. Em seguida, convoca uma trupe de animais tocadores de maracá, instrumento percussivo usado nos rituais indígenas. A dança e a música dos tocadores de maracá conseguem encantar os troncos de madeira, que vão se metamorfoseando lentamente em humanos. Entretanto, Mavutsinim havia advertido que todos poderiam sair de suas ocas para ver o que havia ocorrido, com exceção de um casal. Eles tinham dormido juntos e a presença deles quebra o encanto. Os humanos se transformam novamente em troncos de árvores. Em consideração às recomendações de Mavutsinim, todos os anos os índios

realizam o ritual da festa dos mortos, o Kuarup: "Esta lenda sempre me fascinou, pois revela uma união fantástica entre o homem e a natureza — comenta Jô. Os índios tentam ressuscitar os mortos através das árvores".

Jô Oliveira recorreu a múltiplas fontes de pesquisa para a elaboração de sua versão do Kuarup: livros, fotografias, catálogos: "Eu procurei sintetizar vários elementos da cultura indígena, que oferece muitas possibilidades de exploração das imagens. Eu percebo que esta vertente das lendas brasileiras ainda é muito pouco explorada no Brasil. A Cláudia Fittipaldi desenvolve um trabalho muito bom nesta linha de pesquisa. Mas, em geral, quando se recorre ao acervo de lendas, não se pesquisa a fundo. A grande maioria dos trabalhos nesta área é solta. O meu traço fica entre a tradição dos índios e o naturalismo, porque facilita a compreensão das crianças. Eu usei a técnica da figuração narrativa. A



Jô: "Ilustração é um comentário visual"

cultura. Se quisesse eu estaria vivendo na Europa. Só estou aqui porque tenho paixão pela cultura brasileira. Nós temos elementos fantásticos para trabalhar".

Nascido em Itamaracá, Interior de Pernambuco, Jô Oliveira está radicado em Brasília desde meados dos anos 70. Estudou artes gráficas na Hungria e é autor, entre outros, dos livros: *Ladrão que Rouba Ladrão*, *Pavão Misterioso*, *As Aventuras da Família Tamandú*, com texto de Nira Foster. *A Lenda da Noite*, com texto de Guido Heleno. *Cangaceiros: Balada Trágica*, (Cangaceiros: Balada Trágica) com texto de Mario Florani. *Na Itália, L'Uomo di Canudos (O Homem de Canudos)*, com texto de Wanderley Diniz, na Itália. *Hans Staden — Adventures on the New World (Hans Staden — Aventuras no Novo Mundo)*, na Itália. No momento, Jô está ministrando aulas de desenho no Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

"criança que não sabe ler pode recuperar toda a narrativa pela visão".

Segundo Jô, além de recorrer à cultura indígena como fonte de inspiração para os livros infantis, os escritores e ilustradores deveriam incorporar também os temas da atualidade: "Pode parecer absurdo, mas eu acho que o suicídio dos índios guaranis poderia ser um bom tema para um livro dirigido às crianças". Jô tem vários projetos engavetados à espera de editores sensíveis. Um deles é o de uma "biblioteca de lendas indígenas, dos esquimós até os brasileiros, em 12 volumes". Ele já tem também o esboço de uma série com *Canção de Fogo*, *Zé do Telhado* e *João Grillo*, heróis picarescos do cordel. E mais: Jô quer evocar as aventuras de Debret e Rugendas em livros para criança: "Eu gosto de fazer algo pelo que eu me apaixonei. Gosto de projetos meus. Aqui dentro as pessoas não valorizam a nossa

Jô reconhece a presença de grandes ilustradores no Brasil: Ziraldo, Cláudia Fittipaldi, Ângela Lago e Rui Oliveira, entre outros. Mas, segundo ele, em geral, as editoras ainda não dão valor ao ilustrador e os professores não compreendem a função das imagens nos livros de literatura infantil: "O folheto custa, para as empresas, mais caro do que o preço de uma ilustração. Poucos professores compreendem o *métier* da imagem. Ela não é algo meramente decorativo no livro. A ilustração é um comentário visual do texto. É uma maneira de narrar com imagens. Já que não existem museus de arte no País, os livros de literatura infantil poderiam oferecer uma opção ao estilo pasteurizado da televisão". O livro permite o acesso a uma multiplicidade de estilos. Imagem e texto estabelecem um diálogo de linguagens. "Uma linguagem não está submetida a outra".

22



## Um trabalho dedicado às amazonas

O último projeto de Jô é a versão em quadrinhos de *As Amazonas*, pelo Capitão Orelana, que terá 32 páginas, 23 de imagens. O espanhol Orelana entrou para a história como o primeiro europeu a explorar a região Amazônica. Reza uma das versões que, naquela época, as margens do Rio Amazonas eram densamente povoadas. E uma outra versão dava conta da existência de tribos organizadas de mulheres na região. Entretanto, não havia nenhum testemunho de homens brancos que tivessem visto as amazonas. A lenda ameaçou entrar para a história a partir do dia em que Karvajal, um frade espanhol, afirmou ter se deparado com as amazonas em um ponto próximo à foz do rio.

Fascinado pela lenda, o Capitão Orelana retornou ao local indicado pelo frade e se perdeu no emaranhado da vegetação amazônica. Na região foram encontradas

pedras que as amazonas presenteariam aos homens escolhidos para os momentos do amor. A edição da versão quadrinizada das amazonas está sendo editada com apoio da Embaixada da Espanha. Apesar dos prêmios e de já haver publicado vários livros e quadrinhos em editoras prestigiosas da Europa, Jô ainda encontra dificuldade em viabilizar os seus projetos no Brasil: "É com todo o avanço tecnológico, a produção de livros não se tornou mais acessível. A tecnologia do computador ainda não foi assimilada. O número de exemplares por tiragem é muito pequeno. Eu só imprimo 4 mil exemplares do livro sobre o Quarup. Se eu pudesse imprimir 30 mil exemplares, o preço cairia para a metade do custo. Eu tenho uma preocupação educativa em meus trabalhos. Gosto de oferecer às crianças o que me foi sonegado durante a infância".



3/

20